

## Inteligência artificial e o paradoxo do ócio: quando a tecnologia nos transforma em trabalhadores perpétuos

*Inteligencia artificial y la paradoja del ocio: cuando la tecnología nos transforma en trabajadores perpetuos*

Me. Adilson Skalski Zabiela<sup>1</sup>

### Resumo

Esta investigação examina o paradoxo contemporâneo entre as expectativas de alívio das cargas de trabalho cultivadas pelas tecnologias de Inteligência Artificial e a realidade de intensificação laboral vivenciada por educadores. A partir de uma autoetnografia crítica de seis meses, articulam-se as críticas históricas à “religião do trabalho” (Lafargue, 1883) com as análises contemporâneas da “sociedade do cansaço” (Han, 2017), do “capitalismo de vigilância” (Zuboff, 2019) e do “trabalho invisível” (Casilli, 2019). A perspectiva contracolonial de Antônio Bispo dos Santos (2023) oferece um contraponto fundamental para compreender as temporalidades colonizadas pela tecnologia. A análise identifica cinco paradoxos centrais e elabora cinco noções analíticas, como “ócio vigilante” e “temporalidades colonizadas”, evidenciando como as IAs, distanciando-se do “ócio criativo” (De Masi, 2000), transformam usuários em trabalhadores não remunerados. Por fim, apontam-se práticas de resistência que delineiam possibilidades de pedagogias do ócio na era digital.

**Palavras-Chave:** Capitalismo de vigilância; Estudos culturais; Inteligência artificial; Pedagogias do ócio; Trabalho invisível.

### Resumen

Esta investigación examina la paradoja contemporánea entre las expectativas de alivio de la carga de trabajo cultivadas por las tecnologías de Inteligencia Artificial y la realidad de intensificación laboral vivida por los educadores. A partir de una autoetnografía crítica de seis meses, se articulan las críticas históricas a la “religión del trabajo” (Lafargue, 1883) con los análisis contemporáneos de la “sociedad del cansancio” (Han, 2017), del “capitalismo de vigilancia” (Zuboff, 2019) y del “trabajo invisible” (Casilli, 2019). La perspectiva contracolonial de Antônio Bispo dos Santos (2023) ofrece un contrapunto fundamental para comprender las temporalidades colonizadas por la tecnología. El análisis identifica cinco paradojas centrales y elabora cinco nociones analíticas, como “ocio vigilante” y “temporalidades colonizadas”, evidenciando cómo las IAs, al distanciarse del “ocio creativo” (De Masi, 2000), transforman a los usuarios en trabajadores no remunerados. Finalmente, se señalan prácticas de resistencia que delinean posibilidades de pedagogías del ocio en la era digital.

**Palabras claves:** Capitalismo de vigilancia; Estudios culturales; Inteligencia artificial; Pedagogías del ocio; Trabajo invisible.

## 1. INTRODUÇÃO

A promessa utópica da automação, e mais recentemente da Inteligência Artificial (IA) generativa, sempre foi a liberação do ser humano do fardo do trabalho, abrindo caminho para o cultivo do tempo livre e da criatividade. No entanto, a realidade contemporânea aponta para um cenário diametralmente oposto: a emergência do que denominamos “paradoxo do ócio digital”.

---

<sup>1</sup> Mestre em Informática na Educação IFRS; Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil; [adilson.zabiela@ulbra.br](mailto:adilson.zabiela@ulbra.br)

Este fenômeno se caracteriza pelo fato de que, quanto mais as tecnologias prometem otimizar nosso tempo, mais elas nos transformam em trabalhadores perpétuos, colonizando agressivamente os domínios do lazer, do descanso e da intimidade.

O ponto de partida desta investigação é a constatação de que o cotidiano, especialmente o de profissionais intelectuais como educadores, foi invadido por uma lógica de “auto-otimização” constante mediada por algoritmos. A interação com a máquina, vendida como facilidade, esconde novas camadas de trabalho. Este resumo expandido tem como objetivo analisar criticamente essa captura do tempo livre pela lógica algorítmica, investigando as bases teóricas e econômicas que sustentam esse paradoxo e suas implicações para a possibilidade do ócio na contemporaneidade.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: DA “PAIXÃO PELO TRABALHO” AO *DIGITAL LABOR***

Para compreender a atual captura do ócio, é necessário traçar uma genealogia da relação entre trabalho e tempo livre. Já em 1883, Paul Lafargue diagnosticava a “estranha loucura” do “amor pelo trabalho” que dominava as classes operárias, uma paixão levada à exaustão que impedia a fruição da vida. Se no século XIX essa coerção era externa, advinda da fábrica, na contemporaneidade ela foi internalizada.

Byung-Chul Han (2017) argumenta que transitamos de uma “sociedade disciplinar” (Foucault) para uma “sociedade de desempenho”. Nesta nova configuração, o sujeito não precisa de um capataz; ele se torna seu próprio explorador, movido por um imperativo de performance e positividade que não admite pausas. O “sujeito de desempenho” explora a si mesmo na crença de que está realizando sua liberdade, o que gera um cansaço crônico e a impossibilidade do descanso real.

Este “desempenho” constante tornou-se a matéria-prima de um novo regime econômico: o “capitalismo de vigilância”, conceituado por Shoshana Zuboff. A lógica deste sistema é a reivindicação da experiência humana como matéria-prima gratuita, que é extraída na forma de dados comportamentais para criar produtos de predição. Para que essa extração ocorra, é necessária a infraestrutura do “capitalismo de plataforma” (Srnicek), que cria monopólios de intermediação digital desenhados para maximizar o engajamento do usuário.

Neste contexto, o ócio digital – o tempo gasto em redes sociais ou interagindo com IAs – revela-se uma ilusão. Antonio Casilli demonstra que essa interação constante constitui uma modalidade de *digital labor*, que frequentemente se manifesta como um “trabalho invisível” por não ser socialmente reconhecido como tal pelo próprio usuário que o realiza. O sujeito, ao realizar o “trabalho do dedo” (*travail du clic*) – curtindo, compartilhando, corrigindo um *chatbot* ou refinando um prompt –, está produzindo valor não remunerado essencial para o treinamento e refinamento dos sistemas de IA.

### **3. METODOLOGIA**

Este estudo adota uma abordagem qualitativa de natureza exploratória e interpretativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica e análise teórica crítica. O delineamento metodológico articula a revisão de literatura dos conceitos-chave supracitados (sociedade de desempenho, capitalismo de vigilância/plataforma e trabalho invisível) com uma análise crítica das práticas digitais cotidianas.

O corpus de análise não se restringe a documentos formais, mas incorpora a observação crítica dos mecanismos de interação propostos pelas atuais ferramentas de IA generativa e plataformas digitais. A lente analítica baseia-se na Teoria Crítica da Tecnologia e na Economia Política da Comunicação, buscando desvelar as relações de poder e exploração ocultas sob a interface amigável das tecnologias “inteligentes”. O procedimento analítico consiste em confrontar as promessas discursivas de eficiência e liberdade dessas tecnologias com a realidade material do dispêndio de tempo e energia cognitiva exigido dos usuários, interpretando esse descompasso à luz do referencial teórico.

### **4. ACHADOS E DISCUSSÃO: A COLONIZAÇÃO DO COTIDIANO PELA IA**

A análise das interações cotidianas com a IA revela que a suposta “otimização” do tempo se traduz, na prática, em uma intensificação e extensão da jornada de trabalho. O profissional que inicia seu dia revisando um *briefing* de notícias selecionadas por IA, ou que ajusta os planos de aula sugeridos por um *chatbot* na noite anterior, não está em seu tempo livre. Ele está engajado em *digital labor*.

Os achados indicam que a arquitetura dessas plataformas é projetada para que o ócio seja impossível. A economia da atenção, motor do capitalismo de vigilância, exige conexão

perpétua. Cada momento de suposta pausa (um *scroll* na tela enquanto se espera o café, a correção rápida da sintaxe de uma IA geradora de texto) é um momento de produção de dados. O paradoxo se estabelece: a ferramenta que deveria poupar trabalho exige um trabalho constante de manutenção, supervisão e validação por parte do humano.

A discussão aponta que o “sujeito de desempenho” de Han (2017) encontra na IA a ferramenta perfeita para sua autoexploração. A ansiedade de não estar “atualizado”, de não utilizar a ferramenta mais recente para ser mais produtivo, impele o indivíduo a um ciclo vicioso onde o tempo economizado em uma tarefa é imediatamente reinvestido em outra, ou no próprio aprimoramento do uso da ferramenta.

Portanto, o que se observa é o apagamento das fronteiras entre tempo de trabalho e tempo de não-trabalho. O “ócio criativo”, que dependeria de um tempo descomprimido e não vigiado para florescer, é sufocado pela lógica da performance algorítmica. A criatividade humana passa a ser, ela mesma, insumo para a máquina, e não um fim em si mesma. A discussão sugere que a mera desconexão individual é insuficiente perante um sistema estrutural de extração, exigindo uma resposta política e pedagógica.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O paradoxo do ócio digital na era da IA não é um acidente de percurso, mas um elemento estrutural do atual estágio do capitalismo, que encontrou na vigilância e na extração de dados comportamentais sua principal fonte de valor. As tecnologias que prometiam a libertação do trabalho tornaram-se os capatazes mais eficientes da sociedade de desempenho, invadindo a intimidade e transformando cada segundo de conexão em trabalho invisível.

Diante deste cenário, este estudo conclui pela urgência de se pensar em formas de resistência. Não se trata de uma rejeição ludita da tecnologia, mas da construção de uma consciência crítica sobre seu uso. É necessário resgatar o conceito de ócio não como “não fazer nada”, mas como um tempo autônomo, livre da lógica da produtividade e da extração de dados. Isso aponta para a necessidade de “pedagogias do ócio” (inspiradas em bell hooks e De Masi) que valorizem temporalidades não produtivas como formas legítimas de existência e resistência à lógica neoliberal da performance constante, buscando retomar o controle sobre o tempo de vida contra a sua captura algorítmica.

## **Referências**

**XI Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e X Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares - CLAEHM**

Dezembro de 2025, Online | [claec.org/ehm](http://claec.org/ehm)

**Resumos Expandidos**

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A Terra dá, a Terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

CASILLI, Antonio. **En attendant les robots – Enquête sur le travail du clic**. Paris: Seuil, 2019.

DE MASI, Domenico. **O Ócio Criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo Digital: por uma crítica hacker-fanoniana**. São Paulo: Boitempo, 2023.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

LAFARGUE, Paul. **O Direito à Preguiça**. São Paulo: Hucitec, 1883.

SRNICEK, Nick. **Platform Capitalism**. Cambridge: Polity Press, 2017.

ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.